

Não tenho como me esquecer daquele dia, daquele reencontro depois de tantos anos. Pensei que o tempo curaria as feridas, diminuiria a dor e amorteceria os sentimentos, mas isso não aconteceu. Acho que nunca acontece. Os sentimentos não mudam após muitos anos, apenas ficam ali, adormecidos, esperando o dia em que tudo virá à tona novamente. Aquele foi o dia.



Prólogo

Suzan entrou na cafeteria apressada, apertando o casaco contra o corpo para se proteger do frio. Embora já fosse o começo da primavera, as temperaturas ainda estavam baixas, exigindo mais do que uma simples blusa de mangas compridas. Ficou alguns segundos quieta, olhando ao redor. Apesar de ser a sua terceira visita ao país, sentia como se fosse a primeira vez. Para ela, a Alemanha era assim: mágica.

A viagem fora planejada para comemorar o seu aniversário de trinta anos. Alguns anos antes, a ideia teria sido fazer uma grande festa quando atingisse tal idade; mas, agora, só queria paz e sossego – e a Alemanha era um local que lhe proporcionava essa sensação. Amava o país, único sob vários aspectos, mas, principalmente, no sentido pessoal. Não havia parentes seus lá, mas o lugar começou a fazer parte da sua vida em uma época especial.

Encaminhou-se para o caixa e pediu um chocolate quente em um alemão perfeito. Aprendera a língua havia alguns anos, antes de abrir a sua agência de viagens. Não era uma agência grande, ainda pagava parcelas da dívida do empréstimo junto ao banco, mas, aos poucos, as contas estavam sendo quitadas. Realizar o sonho de infância fora um marco em sua vida.

Suzan se sentou a uma mesa no canto e ficou observando as pessoas. Na primeira vez que visitara Berlim, estava tão assustada por mal falar alemão que não curtiu tanto a viagem. A segunda vez foi com uma das excursões que a sua agência organizou, e eram tantos problemas para resolver que quase não conseguiu aproveitar a cidade. Agora, voltava à Alemanha para um mês de férias, dias suficientes para conhecer com calma as principais cidades do país.

Olhando o movimento à sua volta e, ao mesmo tempo, remexendo os folhetos de turismo que trouxera na bolsa, viu um homem entrar na cafeteria e fazer o mesmo gesto que ela: puxar o casaco para perto do corpo e proteger-se do frio. Suzan achou a cena engraçada, mas, quando reparou melhor, espantou-se ao reconhecê-lo.

— Não pode ser... — disse ela, baixinho, para si mesma.

Após tantos anos, aquele rosto voltou como um turbilhão à sua cabeça. Ficou alguns instantes em choque; era muita coincidência ele estar ali, naquela cidade, na mesma época que ela. Justamente ele, o motivo para ela amar tanto o país: Renato.

Não havia como errar, sem dúvida alguma. Um pouco mais velho, mas ainda aquele rosto perfeito, com traços mais maduros, aquela pele que ainda guardava um bronzeado de praia. O cabelo loiro escuro agora era usado para baixo, como um homem de trinta anos usaria, e não mais para cima, espetado, como o dos jovens de vinte. Definitivamente, era a mesma pessoa de seu passado: seu amigo e amor da adolescência.

Ele foi até o caixa e comprou alguma coisa. Esperou um tempo, pegou um copo de café com uma das atendentes e virou-se para procurar uma mesa. Seus olhos se encontraram com os dela, mas ele não demonstrou reconhecimento e foi caminhando para o lado oposto.

— Renato? — chamou Suzan, timidamente.

Ele se virou e a olhou. Ficou um tempo com a testa franzida, espremendo os olhos até seu semblante se transformar em surpresa.

— Meu Deus, Suzana?

— Sim. — Ela se levantou e ele foi em sua direção.

— Não perdeu a mania de me chamar de Suzana?

— Meu Deus! — Ele sorriu. Os dois ficaram abraçados por alguns segundos. — Que coincidência, o que você faz na Alemanha?

— Estou de férias. Hoje é o meu último dia aqui em Berlim, depois vou visitar outras cidades.

— Boa escolha. Eu amo esse país.

— Eu sei.

— Sim, claro! Lembro do quanto você quis saber da minha primeira viagem para cá, de vermos as fotos juntos, eu, você e o Mateus. Como pude me esquecer?

Suzan fez um sinal para que ele se sentasse à mesa que ela ocupava.

— E você? Está de férias também?

— Estou. Minha esposa queria ir para a Itália, mas fui firme. Eu não voltava a Alemanha há muito tempo. Aliás, a única vez em que vim para cá foi naquele ano. Estava sempre para voltar, mas a cada hora uma coisa diferente acontecia — explicou ele. Suzan tentou sorrir naturalmente; não sabia que Renato se casara. Na verdade, ela não sabia mais coisa alguma sobre ele, então não era de se estranhar o fato de ter seguido em frente. — Puxa, faz tanto tempo que não a vejo. Você praticamente não mudou nada, Suzana.

— Você também não, nem a mania de me chamar de Suzana mudou — brincou ela. Eles ficaram se olhando, calculando mentalmente o tempo em que estiveram afastados um do outro. — Não sabia que você tinha se casado.

— Sim, já faz alguns anos. Minha esposa está no hotel, descansando. Está grávida do nosso primeiro filho. Acredita que vou ser pai?

Ela percebeu o rosto de Renato se iluminar quando falou do filho, e sentiu uma pontada de inveja pela alegria dele.

— Realmente, é uma grande mudança.

— E você, se casou?

Ela demorou a responder e olhou para baixo, sentindo seu coração apertado. Decidiu desconversar.

— Acredita que consegui abrir a minha agência de turismo?

— Isso é ótimo! — Renato ficou contente pela antiga amiga, e ela sentiu que a felicidade era verdadeira. — Fico feliz que tenha realizado o seu sonho.

Ele balançou a cabeça, encarando Suzan, e respirou fundo. Ela percebeu o sorriso ir embora de seu rosto.

— E o pessoal da universidade? Tem falado com alguém?

— Não. Depois que tudo aconteceu, que perdemos contato, eu me afastei de muita gente. Quando me formei, não vi mais motivo para continuar encontrando o pessoal.

— Entendo. — Ele deu um sorriso de camaradagem e segurou uma das mãos de Suzan. — Eu sinto muito a sua falta, da nossa amizade. Sinto muita falta do Mateus. Quando éramos mais jovens, nunca imaginei que um dia perderíamos o contato. Achei que nós três seríamos amigos até ficarmos velhinhos.

— Eu também pensei isso, e sinto falta de vocês, mas as coisas mudam.

— Aquele dia marcou as nossas vidas.

— O dia em que nossa amizade acabou — comentou Suzan.

— A amizade não acabou.

— Acabou, Renato. Olhe para nós, há anos não nos falamos. Não sabemos nada da vida um do outro, não somos mais o que éramos antes. Depois que nos separamos, tudo acabou, mas acho que não tinha como continuar. — Ela soltou a mão dele e olhou para baixo. — Depois que tudo aconteceu...

— Quanto tempo faz? Dez, onze anos?

— Por aí...

Dez
anos
antes



Capítulo 1

Era o primeiro dia de aula na Universidade da Guanabara, o segundo ano de Suzan, que havia prometido a si mesma que, desta vez, tudo seria diferente. Estudaria mais, se dedicaria mais ao curso, arrumaria um estágio e, claro, conquistaria definitivamente o coração de Renato. Este seria o seu ano e ninguém mudaria isso.

Ela respirou fundo e olhou para a entrada da universidade, um complexo de prédios localizado em um amplo terreno no início do Recreio dos Bandeirantes, na zona sudoeste do Rio de Janeiro. Levantou a cabeça e entrou com passos decididos, ajeitando o comprido cabelo preto, que voava com o vento abafado do calor que fazia na cidade. Caminhou pelo pátio que ligava os prédios, mas não viu seus amigos.

Frustrada, foi até a lanchonete, onde encontrou Mateus sentado, lendo *Ruínas de Gorlan*, do John Flanagan.

— Ei, Mateus.

— Oi. — Ele deu um sorriso ao vê-la. Os dois se abraçaram e ela se sentou na cadeira em frente ao amigo.

— Como foi de férias?

— A mesma coisa de sempre. — Ela fez uma careta.

— Falei para os meus pais que foi a última vez que fico o mês todo de janeiro e o Carnaval com eles, em Recife.

— Pensei que você gostasse de lá.

— Eu gosto, mas chega uma hora que cansa. Também queria ficar um pouco no Rio.

— Hum... Mas, e aí? Pronta para mais um ano de turismo?

— Sim. E você? Pronto para mais um de engenharia civil?

— Estou mais do que pronto. Não sei o Renato — disse Mateus, rindo. Suzan olhou em volta. — Ele ainda não chegou.

— Quem?

Suzan se fez de desentendida.

— O Renato. Ele me ligou ontem, disse que não viria à aula hoje. Foi pegar onda.

— Ah, sim, claro. Ele fica dois meses na Alemanha e a primeira coisa que faz, quando volta, é ir pegar onda.

— Estava frio lá. — Mateus pegou seu material em cima da mesa, e ajeitou algumas mechas do cabelo preto, que caíram sobre seus olhos. — Ele nos chamou pra irmos até a casa dele à tarde, ver as fotos. Se quiser, dou uma carona para você.

— Não precisa. Vou almoçar por aqui, e depois tenho que ir até Ipanema ver umas coisas. De lá, para a casa do Renato, é perto.

— Beleza, nos encontramos lá, então.

Suzan concordou com a cabeça, e deu um longo suspiro.

— Você acha que ele arrumou uma alemã?

— Você quer mesmo saber?

Ela soltou o ar dos pulmões e olhou para ele, desanimada.

— Não... Eu só queria que ele reparasse em mim.

Suzan baixou a cabeça, colocando-a entre os braços. Mateus entendia o que ela sentia e o que queria. Ele passou a mão no longo cabelo preto dela, tentando lhe dar algum conforto.

— Para ele, você é uma amiga.

— É, eu sei. Apenas uma amiga.

A conversa dos dois foi interrompida por Eulália, que se aproximou da mesa.

— Suzan, querida, aceita alguma coisa?

— Não, obrigada, tia Eulália.

— Meu filho nem oferece nada.

— Estou de folga hoje, mãe. — Mateus se levantou e deu um beijo na mãe. — Na hora do almoço eu venho dar uma ajuda na lanchonete, agora preciso ir para a aula. À tarde, vou lá no Renato.

Ele se despediu, e Eulália e Suzan ficaram observando Mateus se distanciar.

— Você tem um filho de ouro — disse Suzan.

— Eu sei.

Eulália balançou a cabeça e voltou a atender os estudantes, que se reencontravam na lanchonete após as férias.



A cobertura da família Torres ocupava o último andar de um prédio na orla do Leblon.

Suzan estava parada em frente à porta do apartamento, imaginando se algum dia Renato iria reparar nela, e notar o quanto os dois formariam um casal perfeito.

— Ei, Suzana! — saudou Renato.

Suzan balançou a cabeça e se perdeu nos braços do amigo. Ficou um tempo ali, sentindo o coração dele bater, e se perguntou se ele sentia o seu batendo forte também. O cheiro de Renato era inebriante, e ela achou que jamais conseguiria se soltar dele.

— Senti saudades — disse ela, entrando.

— Eu também.

— Quando vai parar de me chamar de Suzana?

— Quando a cara que você faz por causa disso deixar de ser engraçada.

— Nunca, então.

Ele foi em direção ao quarto e Suzan o seguiu. Ao chegar lá, ela viu Mateus sentado no chão, encostado no armário, vendo as fotos da viagem de Renato no tablet.

— Não acredito que vocês não me esperaram! — reclamou Suzan, tentando fazer uma cara de quem estava brava, se sentando ao lado de Mateus, enquanto Renato deitava na própria cama.

— Comecei a ver agora. Na verdade, só vi a primeira foto — explicou Mateus, enquanto se virava para Suzan. — E a festa de sábado, você vai?

— Que festa? — quis saber Renato, franzindo a testa.

— Do Otavinho, esqueceu? — respondeu Mateus.

— Puxa, é mesmo, como fui me esquecer? A festa dele é um sucesso, sempre no primeiro sábado de março, desde a época do colégio — comentou Renato.

— Encontrei o Otavinho hoje lá na universidade — acrescentou Mateus. — Falou para pegar os convites na quarta. Não sou muito de festa, vocês sabem, mas o Otavinho faz questão de que estejamos lá, então não tenho muito como escapar. Pelo menos não vou sozinho, você vai comigo, certo, Suzan?

— Sim, claro! Não se esqueçam de pegar o meu convite — pediu ela.

Renato se levantou e foi até os amigos, sentando-se ao lado de Suzan.

— Claro, não vamos nos esquecer de você. Agora vamos ver as fotos — sugeriu Renato, dando um abraço apertado e um beijo no rosto de Suzan.

Mateus tentou não prestar atenção à cena, mas não conseguiu se concentrar nas fotos.



Helena e Antônio estavam na cozinha quando Suzan chegou em casa. Os dois conversavam e bebiam vinho, enquanto Helena pegava alguns pratos no armário.

— Oi, querida, chegou quase junto com a pizza — disse Helena, olhando rapidamente para a filha.

— Oi, mãe, oi, pai. A pizza está cheirosa.

— Como foi o primeiro dia de aula? — perguntou Antônio.

Ele roubava algumas azeitonas da pizza, disfarçadamente, para Helena não ver.

— Quem liga? Quero saber como foi o reencontro com o Renato — pediu Helena.

— O que é isso, Helena? Estou perguntando da universidade, o que importa é o futuro da nossa filha — repreendeu Antônio, sem muito sucesso.

— Ora, mas é justamente no futuro dela que estou pensando. Um futuro na família Torres. — Helena se virou para Suzan. — Deixe a sua bolsa no quarto, e venha nos contar como foi na casa do Renato.

Suzan já estava se afastando da cozinha quando a mãe falou a última frase. Ela era apaixonada por Renato, mas a insistência de Helena para que o namoro acontecesse logo, às vezes, a irritava.

Antes de ir para o seu quarto, parou em frente ao da irmã, quando esta a chamou.

Lá dentro, uma música tocava. Suzan não a reconheceu, mas sabia que era da banda One Direction, grupo pelo qual Rebeca era apaixonada. Tentou se lembrar se aos dezesseis anos ela também tinha vários ídolos musicais, mas a única imagem que lhe vinha à mente era Renato na época do colégio.

Balançou a cabeça, tentando espantar o pensamento. Não dava para ficar só imaginando como seria sua vida ao lado dele, precisava focar em outras coisas, mas era difícil.

— Ei, Beca — cumprimentou Suzan, entrando no quarto da irmã, que estava deitada na cama.

Nas paredes, vários pôsteres da banda One Direction disputavam espaço com outros da Taylor Swift.

— Xuxu, era exatamente de você que eu precisava!
— Rebeca se levantou rápido da cama e foi até a bolsa, pegar um papel. — Preciso que assine isto, urgentemente.

— O que é?

Suzan franziu a testa enquanto desdobrava o papel.

— Uma repreensão da escola — explicou Rebeca, fazendo uma careta, suspirando e pulando em cima da cama.

— Uma repreensão? Mas esta é a sua segunda semana de aula. O que foi agora?

— Ah, você sabe como a diretora é, aquela chata. Você estudou lá também. Ela cai na conversa dos professores malas, e aí fica de olho em mim, não posso suspirar que ela já vem me enchendo. Hoje, foi porque cheguei alguns minutos atrasada à aula de biologia. Foram só cinco minutos!

Suzan sabia como a antiga escola era rigorosa. Perdera a conta das vezes que Renato e Mateus haviam comparecido à sala da diretora, para ouvir intermináveis sermões que ela adorava dar aos alunos.

— Papai sabe?

— Mas é claro que não, Xuxu! Ficou doida? Ele não pode ficar sabendo, nem a mamãe, imagina?! Ela me mata. — Rebeca se levantou novamente e ficou ao lado da irmã. — Vai, assina aí de qualquer jeito, como se você fosse a responsável por mim, a diretora nem vai saber se é você ou a mamãe.

— Você devia contar para o papai, acho que ele não vai brigar — disse Suzan.

Não era a primeira vez que Rebeca levava uma repreensão da diretora por escrito. Já não se lembrava mais

quantas vezes a irmã chegara em casa no ano anterior com um papel similar, precisando de uma assinatura dos pais.

— Ele pode não brigar, mas vai contar para a mãe, que vai me esfolar viva. Imagina, uma repreensão na segunda semana de aula? Ela me mata!

— Não vou assinar, Beca. Você precisa assumir a responsabilidade pelos seus atos. Converse com calma com o papai, ele vai entender.

— Você é muito sem graça — reclamou Rebeca, voltando a se sentar na cama, de braços cruzados e chateada.

— Isso se chama crescer, Beca. A vida adulta não é fácil — brincou Suzan.

Quando ela foi em direção à saída do quarto, ouviu sua mãe gritar lá da cozinha para as duas irem jantar.

— Ela está doida para saber o que rolou na casa do Renato, não falou em outra coisa o dia todo — disse Rebeca, virando os olhos.

— Não aconteceu nada, ele acabou de voltar de férias. E o Mateus estava lá. Ela acha o quê? Que ele iria me agarrar ou coisa parecida?

— Acho que ela esperava alguma ‘coisa parecida’...



Mateus parou o carro em frente à lanchonete da Universidade da Guanabara, e ficou esperando pela mãe. Colocou *Kite*, do U2, para tocar. Desde que sua vida mudara radicalmente, esta música o acalmava. Ficou prestando atenção à letra, que já conhecia de cor, e pensando

na vida. Gostara de reencontrar Suzan e passar a tarde na casa de Renato, mesmo que a atenção dela tenha sido toda para o amigo. Ele já se acostumara com a situação e não se importava em ter apenas a amizade dela, se era o máximo que a garota podia oferecer.

— Demorei? — perguntou Eulália, entrando no carro.

— Não, cheguei agorinha mesmo — disse Mateus, ligando o carro.

— Amanhã o meu carro volta do conserto, e você não vai mais precisar dar uma de motorista — explicou Eulália, tentando descontraír o filho.

— Não me importo em ser seu motorista.

— Eu sei. E como foi na casa do Renato?

— Foi legal, ele tirou muitas fotos na Alemanha.

— Um dia você ainda vai voltar a fazer várias viagens.

Eulália sorriu e passou uma das mãos no cabelo preto do filho.

— Eu não ligo, você sabe.

Mateus deu de ombros.

— Sim, mas você ainda vai conhecer o mundo todo.

Os dois conversaram amenidades até chegarem ao apartamento onde moravam, em um dos vários condomínios de prédios que tomaram conta do Recreio dos Bandeirantes.

Eulália gostava de morar perto do emprego e junto com o filho. O que mais lhe importava era ficar ao lado de Mateus, o apoiando e incentivando. Terminar de criar o filho sozinha fora uma dura batalha em sua vida, mas ela havia feito um bom trabalho e estava feliz com isso.

— E a Suzan? — perguntou Eulália, enquanto abria a porta do apartamento.

— O que tem ela?

Mateus parou no meio da sala, antes de ir para o seu quarto. Sabia que a mãe perguntava porque se preocupava com ele. Ela era, antes de tudo, sua grande amiga, a única para quem podia abrir o seu coração. Não havia como falar de seus sentimentos para os amigos.

Ele gostava muito de Eulália. Mesmo com os problemas com seu pai, com muita dedicação e determinação, ela conseguira manter o padrão de vida que sempre tiveram. Quando seu pai os deixou, parecia que não conseguiriam sobreviver um ano por conta própria, mas sua mãe abandonou a vida fútil que levava, e o surpreendeu ao comprar a lanchonete do colégio onde ele estudava, e ao se mostrar uma boa administradora. Contratempos iniciais a assustaram, mas Eulália soube dar a volta por cima.

Assim que o filho foi aprovado na Universidade da Guanabara, um ano antes, Eulália vendeu a cantina da escola, e apostou na abertura de uma nova lanchonete na instituição de ensino superior, sem se importar com o fato de que já havia outras, e não se arrependeu. O esforço valera a pena.

— Como ela estava? — quis saber Eulália.

— Você sabe...



Eulália conseguiu detectar uma enorme tristeza no rosto do filho.

E também reparara na música que tocava no carro, quando ela entrou, mas não falou nada. Há anos desistira de tentar convencer Mateus a deixar de escutar aquela canção.

Ela se preocupava com o fato de ele ser muito quieto e pouco sociável. Sabia que a timidez de Mateus era uma forma de defesa contra os problemas de seu passado.

— Suzan estava deslumbrada com o jeito do Renato, o sorriso do Renato, a voz do Renato. O mesmo de sempre — explicou ele, trazendo Eulália de volta para o presente.

— Isso vai mudar um dia, também — respondeu ela.

— Quem sabe... Talvez sim, talvez não. Pelo menos, eu tenho a amizade dela, não quero perder o que temos, você sabe. Prefiro ser amigo do que não ser nada. — Ele suspirou. — Vou dormir. Boa noite, mãe.

— Boa noite — disse Eulália, vendo o filho ir para o quarto. — Você ainda vai ser muito feliz — completou, para o vazio que ficou na sala.